

# A CRISE DA CORONA ESTAVA PLANEADA? | POR PAUL SCHREYER

*Posted on 22. September 2020*

**Como é que a crise da Corona começou? E como é que se tornou um evento mediático? Se examinarmos a sequência exacta dos acontecimentos de Janeiro de 2020, emergem perspectivas surpreendentes - e algumas questões. Um excerto do novo livro "Chronicle of an announced crisis".**

*Um ponto de vista de Paul Schreyer.*

Na noite de Ano Novo de 2019, a crise da Corona começou a desabrochar nos meios de comunicação social - no início ainda tímida e discreta. O primeiro relatório apareceu no dia 31 de Dezembro e dizia

*"Uma misteriosa doença pulmonar surgiu na metrópole central chinesa de Wuhan Até agora, foram identificadas 27 pessoas, informou a comissão de saúde da cidade. O 'Volkszeitung' contra-atacou rumores na Internet de que poderia ser um novo surto da doença pulmonar SARS. A comissão de saúde relatou que muitas das infecções poderiam ser rastreadas até uma visita ao mercado de peixe Huanan em Wuhan. As pessoas infectadas tinham sido colocadas em quarentena. Sete deles estão num estado grave.*

Este relatório dpa, aparentemente baseado num relatório da agência noticiosa Reuters, que por sua vez se baseou num comunicado de imprensa do Departamento de Saúde da Cidade de Wuhan, foi publicado em dezenas de meios de comunicação alemães, mas não atraiu mais atenção devido à sua falta de aparente relevância.

O facto de 27 pessoas doentes (não mortas) do outro lado do mundo terem levado a um relatório de agência na Alemanha e noutros países ocidentais necessita de explicação. O facto de as agências noticiosas terem considerado esta informação digna de publicação estava sem dúvida ligado aos "rumores na Internet" mencionados no relatório (quem realmente os espalhou?), no qual se especulava que a doença pulmonar SRA, que ocorreu de forma epidémica em 2003 e desde então desapareceu de novo, poderia possivelmente ter voltado a aparecer. A SRA ainda estava viva na mente de muitas pessoas, uma vez que o fenómeno tinha feito manchetes globais durante semanas. Todos os primeiros relatórios sobre a

"misteriosa doença pulmonar" referiam-se ao surto da SRA de há 17 anos atrás. Este foi o contexto que criou o interesse em primeiro lugar.

Já na altura da primeira publicação, teve início o controlo da informação. Segundo um relatório chinês de 1 de Janeiro de 2020, a polícia de Wuhan prendeu várias pessoas que tinham divulgado "informações falsas" sobre a doença na Internet, o que tinha levado a "consequências sociais negativas". A polícia avisou os cidadãos da cidade para não "acreditarem ou circularem quaisquer boatos" e para assegurarem "uma Internet harmoniosa e limpa" - recomendações que em breve se tornariam populares também na Alemanha.

O início da epidemia não foi claro. Em Abril de 2020, surgiram relatos nos meios de comunicação social americanos e israelitas de que um departamento da agência de informação militar americana DIA, o chamado Centro Nacional de Informação Médica, já tinha avisado o seu próprio governo, a NATO e os militares israelitas em Novembro (!) de 2019 de uma epidemia que se propagava na região de Wuhan e que poderia desenvolver-se "catastroficamente". Os serviços secretos negaram o relatório. No entanto, se fosse exacta - como evidenciado pela confirmação adicional dos israelitas - uma questão óbvia seria como é que a inteligência tinha chegado à sua conclusão já em Novembro, quando parecia que até as autoridades chinesas não tinham conhecimento de um surto.

Na primeira quinzena de Janeiro, a questão permaneceu largamente abaixo do limiar de percepção dos meios de comunicação ocidentais. Havia relatórios esporádicos, mas não havia relatórios de grande visibilidade. Mesmo quando foi noticiado pela primeira vez a 9 de Janeiro que as "misteriosas doenças pulmonares na China foram aparentemente causadas por um coronavírus desconhecido anteriormente", que tinha sido detectado em Wuhan "em 15 das quase 60 pessoas oficialmente afectadas", isto não apareceu nas notícias da noite na Alemanha, mas apenas num artigo online em tagesschau.de. Os editores ilustraram o texto com uma fotografia da cidade de Wuhan em denso smog, sugerindo discretamente que a doença pulmonar também pode ter algo a ver com a forte poluição do ar local.

O facto de uma equipa liderada pelo virologista Christian Drosten do hospital Charité em Berlim já ter

desenvolvido um teste PCR para detecção de vírus a 16 de Janeiro, que a OMS recomendou imediatamente a laboratórios em todo o mundo, não foi inicialmente registado pelos meios de comunicação social. Drosten explicou mais tarde a incrível velocidade do desenvolvimento deste teste:

*"Foi já entre o Natal e o Ano Novo que a primeira informação informal chegou aqui. (...) Na verdade, confiámos em algumas provas. Tivemos informações dos meios de comunicação social de que este poderia ser um vírus semelhante à SRA e juntámos um e outro. (...) E quando algum tempo depois os nossos colegas da China publicaram a primeira sequência genómica deste novo vírus, comparámo-la com todos os nossos testes candidatos, escolhemos os melhores e continuámos a trabalhar com eles. (...) Disponibilizámos este teste aos colegas na China, cujos nomes não posso dar-vos agora. E eles testaram-no para nós e disseram-nos que funcionava bem".*

O impulso para o desenvolvimento do teste foi assim dado pelos "rumores não especificados na Internet" acima mencionados, e a eficácia do teste foi confirmada por "colegas anónimos na China". Como disse, tudo isto não foi noticiado nos meios de comunicação social em meados de Janeiro. Nessa altura, a "misteriosa doença pulmonar" do outro lado do mundo era ainda um tópico de nicho - enquanto alguns especialistas de fundo já estavam a definir o curso para os próximos meses.

### **A prática e a realidade misturam-se**

Na sexta-feira, 17 de Janeiro, algo muito estranho aconteceu neste contexto: o Centro Johns Hopkins para a Segurança da Saúde, juntamente com o Fórum Económico Mundial e a Fundação Gates, emitiu um comunicado de imprensa conjunto apresentando o exercício de avaliação do "Evento 201", em particular as recomendações políticas que tinham sido adoptadas três meses antes. Como é bem sabido, durante o exercício, os gestores e funcionários da empresa tinham desempenhado uma pandemia de coronavírus em Outubro de 2019. A Comunicação de Janeiro de 2020 afirmava

*"A próxima grande pandemia não só causará doença e morte, como também poderá desencadear reacções económicas e sociais em cadeia (''). Os esforços para prevenir ou responder a tais*

*consequências à medida que se desenrolam exigirão um nível sem precedentes de cooperação entre governos, organizações internacionais e empresas privadas".*

Exigiram a expansão de uma reserva internacional de vacinas, a redução dos regulamentos no desenvolvimento de vacinas e uma luta intensificada contra a desinformação. O mais bizarro foi que nem uma palavra foi dita sobre o desenrolar da crise da Corona, mas o comunicado de imprensa foi obviamente lançado neste contexto. Caso contrário, poderia ter sido publicado três meses antes, imediatamente após o fim do exercício. Exercício e realidade entrelaçados de uma forma estranha.

O grande interesse dos media pelo vírus, que continua até hoje, começou então abruptamente e de repente exactamente três dias depois, na segunda-feira, 20 de Janeiro, um dia antes da abertura do Fórum Económico Mundial (WEF) em Davos, a reunião anual dos chefes de estado e líderes empresariais mais importantes do mundo. Neste dia, a nova doença foi também mencionada pela primeira vez na edição principal do Tagesschau. O artigo de dois minutos apareceu no final do programa, depois de ter relatado previamente em detalhe a próxima reunião do WEF. Ao título inserido "Aumento maciço de casos de coronavírus" o moderador Jens Riewa explicou à audiência televisiva:

*"O novo coronavírus na China está a espalhar-se surpreendentemente depressa. Segundo números oficiais, mais de 200 pessoas já sofrem de uma doença pulmonar causada pelo agente patogénico. Entretanto, três países vizinhos também comunicaram infecções. A Organização Mundial de Saúde convocou um painel de peritos para recomendar possíveis medidas. Segundo os investigadores chineses, o vírus também se transmite de pessoa a pessoa.*

A afirmação de que o vírus se espalha "surpreendentemente depressa" só foi provada de forma fraca na altura, dado que apenas 200 pessoas ficaram doentes em três semanas. A nova informação essencial estava na agora declarada transmissibilidade de pessoa a pessoa. O que também era novo era que o governo chinês tinha entretanto mudado radicalmente o seu curso inicial de varrer a questão para debaixo do tapete e agora declarou a crise em si como sendo um assunto de Estado com toda a sua força e insistência pública.

A partir do dia 20 de Janeiro, as autoridades sanitárias chinesas apresentaram um relatório diário com os últimos números de casos corona. O Tagesschau também se referiu a estes primeiros números na sua reportagem televisiva. A curta moderação de Jens Riewas foi seguida por um relatório do correspondente da ARD de Pequim, que afirmava

*"Agora antes da véspera de Ano Novo é a época alta de viagens na China. Todos estão agora a ser controlados na estação de Wuhan. Os monitores de febre e o pessoal médico estão em acção. (...) Até agora morreram três pessoas. A maioria dos pacientes não está gravemente doente, mas sofre de febre e problemas respiratórios. (...) Na televisão estatal, um investigador relatou hoje sobre pessoas infectadas que não estavam em Wuhan propriamente ditas, mas familiares delas: "Podemos, portanto, confirmar que há casos em que o vírus foi transmitido de pessoa para pessoa. Com esta notícia, é evidente que é mais provável uma maior propagação do vírus na China e que é mais difícil controlar a onda da doença."*

Isto deu o tom para as próximas semanas, e não apenas para as notícias. O aumento abrupto do interesse dos meios de comunicação social neste momento também pode ser traçado na cobertura do New York Times. Enquanto apenas alguns artigos sobre o vírus tinham aparecido até então, tais como em 10.1. ("China relata primeiras mortes por novo vírus"), 15.1. ("Japão e Tailândia confirmam novos casos do coronavírus chinês"), 17.1. ("Três aeroportos dos EUA verificam passageiros por um coronavírus chinês mortal"), 18.1. 1 ("O vírus do puzzle mortal é relatado em duas novas cidades chinesas e na Coreia do Sul"), e 20,1 ("A China confirma que o novo coronavírus é transmitido de pessoa para pessoa"), a quantidade de artigos explodiu praticamente com o início da reunião do WEF em Davos.

Só no dia 21 de Janeiro, dia da abertura da conferência, apareceram cinco artigos diferentes sobre o coronavírus no New York Times, bem como, pela primeira vez, um "Wuhan Coronavirus Map" visualmente fácil de ler para acompanhar o surto. Também a 21 de Janeiro, a OMS publicou o seu primeiro "Relatório da Situação do Coronavírus", que tem sido publicado diariamente desde então. O sinal de partida para os meios de comunicação social e "fogo contínuo corona" político foi dado.

## O tablier Covid-19 está pronto para utilização imediata

No dia seguinte, aconteceu algo mais que teve um grande impacto na cobertura mediática do tema: a Universidade Johns Hopkins lançou o seu Covid 19 Dashboard, o agora famoso mapa mundial online, no qual a distribuição geográfica de todos os casos corona, bem como a sua tendência de desenvolvimento, números de casos e taxas de mortalidade foram constantemente actualizados. Uma reportagem de imprensa sobre o lançamento na quarta-feira, 22 de Janeiro, dizia

"Na quarta-feira à tarde, segundo relatórios oficiais chineses, 444 pessoas foram hospitalizadas, das quais pelo menos 17 morreram devido ao novo vírus corona. Mas o mapa apresentado na quarta-feira por investigadores da Universidade Johns Hopkins sugere que estes números podem estar a crescer mais rapidamente do que as fontes nacionais indicam. "Pensamos que é importante para o público compreender a situação à medida que se desenrola com fontes de dados transparentes", disse Lauren Gardner, uma professora da Universidade Johns Hopkins que liderou a equipa que criou o mapa. (...) De acordo com Gardner, o mapa é uma colecção "muito simples" de casos reportados recolhidos de fontes locais que não requerem modelação. Para criar o mapa, Gardner e a sua equipa reviram e compilaram relatórios dos media chineses locais. Estes relatórios foram então traduzidos para inglês e as suas localizações mapeadas. Quando chegam novos relatórios, o mapa é actualizado, disse Gardner".

O tablier ganhou vida própria porque era fácil de compreender. Centenas de meios de comunicação em todo o mundo adoptaram os dados e também a forma como estes eram apresentados graficamente. A ameaça elusiva de uma epidemia foi assim perfeitamente ilustrada. O painel também serviu a necessidade dos meios de comunicação social de notícias e actualizações constantes - alimentando ainda mais o nervosismo do público. A partir daí, muitos editores e consumidores dos meios de comunicação, bem como políticos, olharam enfeitiçados para as curvas ascendentes que foram construídas em quase todos os artigos sobre o assunto, dando a impressão de que já se tinha compreendido o essencial num relance. "Fonte: Johns Hopkins" tornou-se uma palavra alada nos meios de comunicação social, onde as figuras americanas eram geralmente confiadas cegamente. Através do painel de instrumentos, uma instituição privada norte-americana ganhou soberania interpretativa internacional sobre o tamanho dos números dos

casos.

O big bang seguinte seguiu-se também a 22 de Janeiro: as autoridades chinesas anunciaram que no dia seguinte colocariam em quarentena completa a metrópole de dez milhões de Wuhan e várias outras grandes cidades. Ninguém seria então autorizado a entrar ou sair destas cidades - uma acção sem precedentes nesta escala. A decisão parecia provar mais uma vez a magnitude do perigo. Como observador, era preciso assumir que a situação era extraordinariamente ameaçadora quando o governo decidiu dar um passo tão extremo.

No mesmo dia, foi feita uma tentativa nos órgãos da OMS para obter a autoridade para declarar uma "Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional", que inicialmente não podia ser aplicada internamente, mas que foi compensada a 30 de Janeiro. (1)

Os relatórios globais centraram-se agora inteiramente no tema da coroa. O New York Times publicou 13 (!) artigos sobre o tema apenas no dia 23 de Janeiro. As manchetes incluíam o seguinte: "Medos por causa do novo vírus corona apreendem Davos" e "Como o surto de vírus da China pode ameaçar a economia global". (2)

Como mencionado, quase 3.000 políticos, gestores e jornalistas, incluindo muitos dos mais poderosos chefes de Estado e empresas, reuniram-se em Davos ao mesmo tempo, de 21 a 24 de Janeiro. Isto faz lembrar o cenário pandémico acima descrito do exercício "Tempestade do Atlântico" de 2005, onde as notícias de um surto de doença também surpreenderam os chefes de Estado numa conferência internacional, onde todos os decisores já se encontravam convenientemente reunidos (ver Capítulo 4). Aqui está o excerto correspondente do guião da época:

*"Em 13 de Janeiro, na véspera da cimeira, foram relatados casos de varíola na Alemanha, Holanda, Suécia e Turquia. Os Chefes de Estado e de Governo decidiram reunir-se durante algumas horas no dia 14 de Janeiro antes de voltarem para casa para lidar com a crise emergente. Durante a reunião de seis horas, os líderes transatlânticos lutaram com a escala e o ritmo acelerado da epidemia de varíola que alastra, as tensões entre a política interna e externa, o desafio de controlar a circulação de pessoas*



*através das fronteiras e a escassez global de recursos médicos críticos, tais como uma vacina contra a varíola. (3)*

Se substituir a palavra "varíola" por "coronavírus" e o dia 13 de Janeiro por 23 de Janeiro, acabará na realidade.

### **Os decisores-chave estão aqui reunidos**

A reunião anual do WEF em Davos é o maior e mais destacado evento do seu género. No final de Janeiro de 2020, os líderes das corporações mais poderosas do mundo reuniram-se ali, incluindo os chefes da Google, Apple, Facebook e Microsoft. Os CEOs das principais empresas farmacêuticas também participaram: Roche, Bayer, Sanofi, Astra Zeneca (a empresa que alguns meses mais tarde vendeu uma vacina à Alemanha por uma soma de três dígitos milhões que ainda não tinha sido desenvolvida) e o chefe da empresa farmacêutica Moderna, onde o foco estava nas novas vacinas de mRNA que estavam a ser desenvolvidas a um ritmo acelerado durante a crise da Corona. Também estiveram presentes os presidentes da Gavi Vaccine Alliance e da CEPI Vaccine Research Network, Richard Hatchett, que pouco tempo depois "coordenou o desenvolvimento mundial da vacina Covid 19".

Outros convidados em Davos incluíram os chefes de vários grandes bancos, assim como BlackRock, Visa, Mastercard, a Fundação Rockefeller, o Conselho Atlântico, os presidentes dos bancos centrais de uma dúzia de países, numerosos chefes de redacção dos principais meios de comunicação, e os chefes de Estado e de governo de várias dezenas de países, incluindo Donald Trump e Angela Merkel.

Todos eles tiveram amplas oportunidades durante a excitante semana em Davos para coordenar as suas reacções à crise - não necessariamente apenas no palco aberto, mas também discretamente à margem. A marcha em direcção à política foi exposta num comentário no New York Times a 23 de Janeiro: "Estejam preparados para tudo e deixem isso para os peritos".

Simultaneamente com a conclusão da reunião do WEF a 24 de Janeiro, a OMS relatou 25 mortes de coroas em todo o mundo. Este número não se enquadrava de forma alguma numa "crise global" ameaçadora. E no

entanto, as decisões políticas descritas, a sua cobertura mediática e a projecção geral de uma "nova SRA" deram a impressão de um enorme perigo.

O que é notável em retrospectiva é que a 24 de Janeiro, quando os chefes de Estado e de grupo de empresas reunidos em Davos regressaram a casa, vários elementos essenciais para a gestão futura da crise da coroa já tinham sido lançados ou estavam prontos para serem destacados:

- o teste PCR para recolher os casos
- os relatórios diários da situação da OMS para informação do público
- o tablier Covid-19 para representação gráfica da situação nos meios de comunicação
- as recomendações políticas do WEF e da Fundação Gates

Tudo foi preparado. E de facto, a partir desse ponto, a crise desdobrou-se quase automaticamente. A grande máquina pandémica, que tinha sido construída, ensaiada e preparada para uma emergência durante anos, estava agora em funcionamento.

✖ Mas aqui, mais uma vez, gostaríamos de acrescentar uma nota: Esta observação ainda não implica que a pandemia tenha sido planeada ou deliberadamente provocada. O processo também pode ser explicado de uma forma inofensiva: As instituições envolvidas foram simplesmente "perfuradas" para um tal surto. Os virologistas estavam constantemente à procura de novos agentes patogénicos, desejosos de os detectar. Cientistas como os da Universidade Johns Hopkins não tinham feito outra coisa senão avisar sobre bioterrorismo e pandemias durante 20 anos. Uma vez que a sua possibilidade real se tornou evidente, eles tornaram-se muito activos. Mesmo a OMS e muitas outras autoridades apenas implementaram dezenas de procedimentos ensaiados, esforçando-se por trabalhar da forma mais "eficiente" possível, não cometendo erros e seguindo exactamente o protocolo ensaiado. Deste ponto de vista, era na realidade uma espécie de máquina que, uma vez iniciada, seguia a sua própria dinâmica programada.

Lá se vai a explicação inofensiva. No entanto, outros permaneceram concebíveis.

**Este texto é um excerto do livro "Chronik einer angekündigten Krise - Wie ein Virus die Welt verändern**

können" (Chronicle of a Heralded Crisis - How a Virus Could Change the World), Westend Verlag, 176 páginas, 15 Euros.

#### Observações:

(1) WHO: „Statement on the meeting of the International Health Regulations (2005) Emergency Committee regarding the outbreak of novel coronavirus (2019-nCoV)“, 23. Januar 2020 – Auszug: „On 22 January, the members of the Emergency Committee expressed divergent views on whether this event constitutes a PHEIC or not. At that time, the advice was that the event did not constitute a PHEIC, but the Committee members agreed on the urgency of the situation and suggested that the Committee should be reconvened in a matter of days to examine the situation further.“

(2) „Fears Over New Coronavirus Grip Davos“ / „How China’s Virus Outbreak Could Threaten the Global Economy“, *New York Times*, 23. Januar 2020

(3) Bradley T. Smith et al.: „Navigating the Storm: Report and Recommendations from the Atlantic Storm Exercise“, *Biosecurity and Bioterrorism*, Volume 3, Number 3, 2005, S. 256-267

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Este artigo foi publicado pela primeira vez em 18.9.2020 na [Magazin multipolar](#).

+++

Fonte da imagem: Rumir / portadas

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK